

Ignácio Salieri

**A GAROTA QUE
DESAPARECEU EM
TAQUARITINGA DO
NORTE**

1ª Edição

Copyright © 2021 by Ignácio Salieri

Capa, Diagramação e Revisão

Ignácio Salieri

Salieri, Ignácio 1994-

Crônicas Norte-Taquaritinguenses: A garota que desapareceu em Taquaritinga do Norte / Ignácio Salieri – 1. ed. – Caruaru, PE : Ed. do Autor, 2021.

172p. ; 21cm.

ISBN: 978-65-00-25537-9

Todos os direitos reservados ao autor da obra.

1. Ficção. 2. Suspense. 3. Policial

CDD: 869.3

*“Anima-te por teres de suportar as injustiças; a verdadeira
desgraça consiste em cometê-las.”*
– Pitágoras.

Capítulo 01

A delegada especial estacionou o carro na esquina.

Uma multidão de curiosos se amontava no paredão do açude a cerca de vinte metros à frente.

Ela retirou o celular do bolso do blazer negro e abriu a lista de contatos à procura do número de Francisco, seu agente e investigador mais competente.

Bom dia. Sei que estou de folga, pretendia passar o dia relaxando aqui em Taquaritinga do Norte, no entanto, recebemos um chamado advinha de onde?! Peço que venha o mais rápido possível.

Diane deixou o celular no painel e passou as mãos pelo rosto. Em seu âmago ela desejava aproveitar aquela folga mais que merecida, porém a cidade estava em alvoroço... Aparentemente, todos sabiam a quem aquela ossada pertencia.

Aprumou a coluna, retirou a pistola debaixo do banco colocando-a na cintura e deixou o veículo.

As pessoas notaram sua presença e abriam caminho conforme a delegada civil caminhava em direção à parte mais baixa do paredão do açude.

– Aqui, eu ajudo. – Um jovem PM estendeu-lhe a mão e a mulher saltou para dentro do açude que era apenas terra seca na borda onde aterrissou.

– Dra. Diane.

– Apenas Diane, por favor.

– Diane, Domingues, polícia militar. Fui o primeiro a chegar ao local. – O homem caminhou em seu encalço. – Um morador avistou o crânio enquanto caminhava...

– À que horas foi isso?

– À cerca de duas horas. Sete e meia mais ou menos.

- Os peritos já disseram algo?
- Ainda tão terminando de desenterrar...
- Obrigada.

Diane parou diante de dois peritos já conhecidos, o médico Ferreira e sua assistente Joana Marques.

– O que temos aqui?
– Garota, devia ter entre quinze e vinte anos de idade, morreu há pelo menos dez anos. – Disse Joana agachada ao lado da cratera.

– Bom dia. – Disse o médico.

– Bom dia.

– Alguma pista?

– Temos que fazer alguns testes, mas as pessoas acreditam pertencer a Ana Júlia Siqueira, uma adolescente que desapareceu há onze anos. – Disse o PM Antônio Domingues.

– Caso arquivado?

– Sim, nunca se soube o que aconteceu. Houve um único suspeito que não chegou a ser acusado por falta de provas. Não chegou a ir a julgamento.

– Entendo. – Diane agachou ao lado da perita. – Quanto tempo para remover os ossos e iniciarem os testes?

– Mais uma hora, no máximo. – O médico respondeu.
– Vou enviar tudo para Caruaru.

– Solicitem os registros ao dentista dessa garota. Se for ela mesma, preciso reabrir o caso. Alguém sabe por onde anda esse tal suspeito?

– Não, parece que se mudou da cidade logo após encerrarem a investigação. – Domingues mantinha os braços cruzados. – Por acaso me aproximei de sua mãe, posso entrar em contato...

– Não será necessário, muito obrigada. – Diane levantou calmamente. – Assumiremos daqui. Meu assistente

está a caminho, ele cuidará de tudo.

– Perfeitamente, Dra.

– Quem da Polícia Civil trabalha aqui atualmente?

– Péricles e Renata – o policial militar sorriu. – A delegacia fica a duas ruas daqui.

– Sei onde fica, inclusive irei pra lá agora. Preciso acessar o sistema, checar algumas coisas e ficar a par de tudo. Caso o Francisco apareça, peça por gentileza que vá para lá.

– Sim senhora.

– E, por favor, não conversem com as pessoas. Sei que possui amizade aqui na cidade, mas não dê nenhuma informação até que a identidade da garota seja confirmada. Se reabirmos o caso a cidade ficará eufórica.

Diane pulou o paredão e retornou ao seu carro, se encaminhando até a pequena delegacia a duas ruas dali.

Bateu palmas em frente ao portão gradeado e cerrado por uma corrente.

– Bom dia, Diane. – Um homem enorme saiu por uma porta de madeira no interior da garagem.

– Bom dia. – Ela respondeu. – Já nos conhecemos?

– Não fomos apresentados, fui transferido há poucos meses, porém já trabalhamos juntos em uma operação há dois anos. Meu nome é Péricles.

– Prazer.

O homem retirou o cadeado e as correntes e a mulher adentrou o pequeno edifício. Na sala seguinte à garagem havia apenas duas escrivaninhas com dois velhos computadores e um banco longo encostado à parede.

– Precisarei verificar o sistema.

– Fique à vontade, só não repare a bagunça. – Péricles sentou diante de um dos computadores e apontou para o outro.

– Renata tá de folga hoje, pode usar o computador dela.

Diane sentou-se, ligou o monitor da máquina e acessou o sistema com suas credenciais. A pesquisa não foi

longa e logo encontrou a ficha da garota.

Ana Júlia Siqueira, Taquaritinga do Norte, Pernambuco, desaparecida desde 21 de agosto de 2004. Único suspeito: Marcos Lima de Aragão. Caso arquivado por falta de provas.

O telefone de Diane toca.

– Francisco. Bom dia.

– *Bom dia e que dia, hein?!*

– Nem me fale. – Ela bufou. – Preciso que localize o suspeito do desaparecimento de Ana Júlia Siqueira.

– *Marcos Lima de Aragão, reside na cidade de Gravatá, aqui mesmo em Pernambuco.*

– Já está inteirado?! – A delegada sorriu. – É realmente muito eficiente, meu querido.

– *O PM Domingues me passou algumas informações, é um homem prestativo. Bem, mas a senhora não deseja que eu o contate logo, certo?!*

– Ainda não. Precisamos confirmar a identidade da vítima, só estou me adiantando. – Diane deslizou pela ficha da garota no computador. – Preciso também que localize todos que foram interrogados na ocasião. Temos que ter o máximo de informações possíveis caso tenhamos mesmo que reabrir o caso.

– *Entendido, já estou acessando o sistema aqui do laptop, farei tudo em no máximo... Uma hora, ok?!*

– Perfeito. Obrigada.

– *Disponha.*

Diane desligou o celular e o depositou ao lado do mouse.

– Filho. – A senhora Cristina bateu com os nós dos dedos à porta do quarto do rapaz. – Sara está lhe chamando.

Daniel colocou o notebook sobre a cama, calçou as sandálias apressadamente e deixou o aposento cruzando a sala de estar onde seu padraсто assistia atenciosamente a um noticiário.

– Você não soube?! – Sara era puro entusiasmo. – Descobriram uma ossada no fundo do açude!

– Uma ossada?! – Daniel arregalou os olhos. – Como?! Quando?! De quem?!

– É o que pretendo descobrir! – Ela sorriu. – Bora, garoto!

Daniel saiu pelo portão fazendo o metal gritar por trás de si devido à pancada e subiu na garupa da pequena motocicleta da garota que os pôs em movimento.

Cruzaram a praça central, uma rua cheia de mercadinhos e desceram a famosa “ladeira do açude” chegando até o local que se encontrava abarrotado de pessoas.

Uma viatura da polícia militar, outra da civil e um pequeno caminhão do IML estavam estacionados na rua adjacente ao açude vazio.

Os curiosos se acumulavam nas duas laterais do paredão onde o açude era cercado por ruas.

Na margem oposta havia peritos que tiravam fotos do terreno, desde as margens onde estavam as pessoas até o fundo do açude retangular.

– Então é verdade mesmo! – Daniel abriu a boca ao ver um grupo de policiaѕ e peritos reunidos ao redor da escavação superficial no centro do açude.

– Como que tu não me avisou antes, menina?!

– Eu soube quase agora, “menino!” – Sara ironizou.

– Ei! – Samuel, conhecido do casal, gritou há alguns metros dos dois. – Vocês chegaram agora, foi?

– E então. – Daniel respondeu. – Faz tempo que tu tá por aqui?! Conta o que sabe!

– Eu cheguei bem cedo, se tinha meia-dúzia de gente

era muito. Eu tava passando pra ir trabalhar quando vi um movimento né. Tive que parar. – Samuel era um rapaz excessivamente expressivo. – Parece que é uma ossada só. Ninguém confirmou ainda, mas vocês sabem o que tá todo mundo achando.

– Ana Júlia Siqueira. – Disse Sara tapando a boca.

– Tá todo mundo achando que é ela.

– Vão reabrir o caso. – Daniel sorria. – Bem a tempo para que eu conclua o meu TCC.

– O que? – Samuel perguntou.

– Trabalho de Conclusão de Curso. Daniel já ia fazer sobre o caso, agora sim é que ficou bom. – Sara sorriu.

– Boa sorte aí então. Eu sei que isso vai ser uma complicação danada pra se resolver.

A cidade estava em alvoroço. Uma pequena multidão se reunia ao longo do paredão e o único assunto entre eles era a tal ossada.

– Olha Domingues ali. – Daniel apontou para o policial que escoltava os peritos. Aparentemente acabava de encerrar a primeira investigação e autorizaram a remoção da gaveta metálica contendo a ossada. – Domingues! – Gritou o rapaz.

– Bom dia. – O policial se aproximou.

– Bom dia. – Sara sorriu.

– E aí?! O que tá rolando? É ela? Júlia?

– Não temos certeza, mas os ossos serão transportados para Caruaru... Temos que aguardar.

– Logo agora que eu comecei o trabalho! – Daniel sorria maravilhado. – Você me mantém informado, não é?!

Domingues olhou ao redor com o semblante preocupado.

– Se for possível, mas não posso garantir. A investigação é por conta da civil, não sei se terei acesso a detalhes.